

Reportagem antológica relata a misteriosa morte do Padre Nazareno em Jauru

Data:27/02/2019 - Hora:11h38



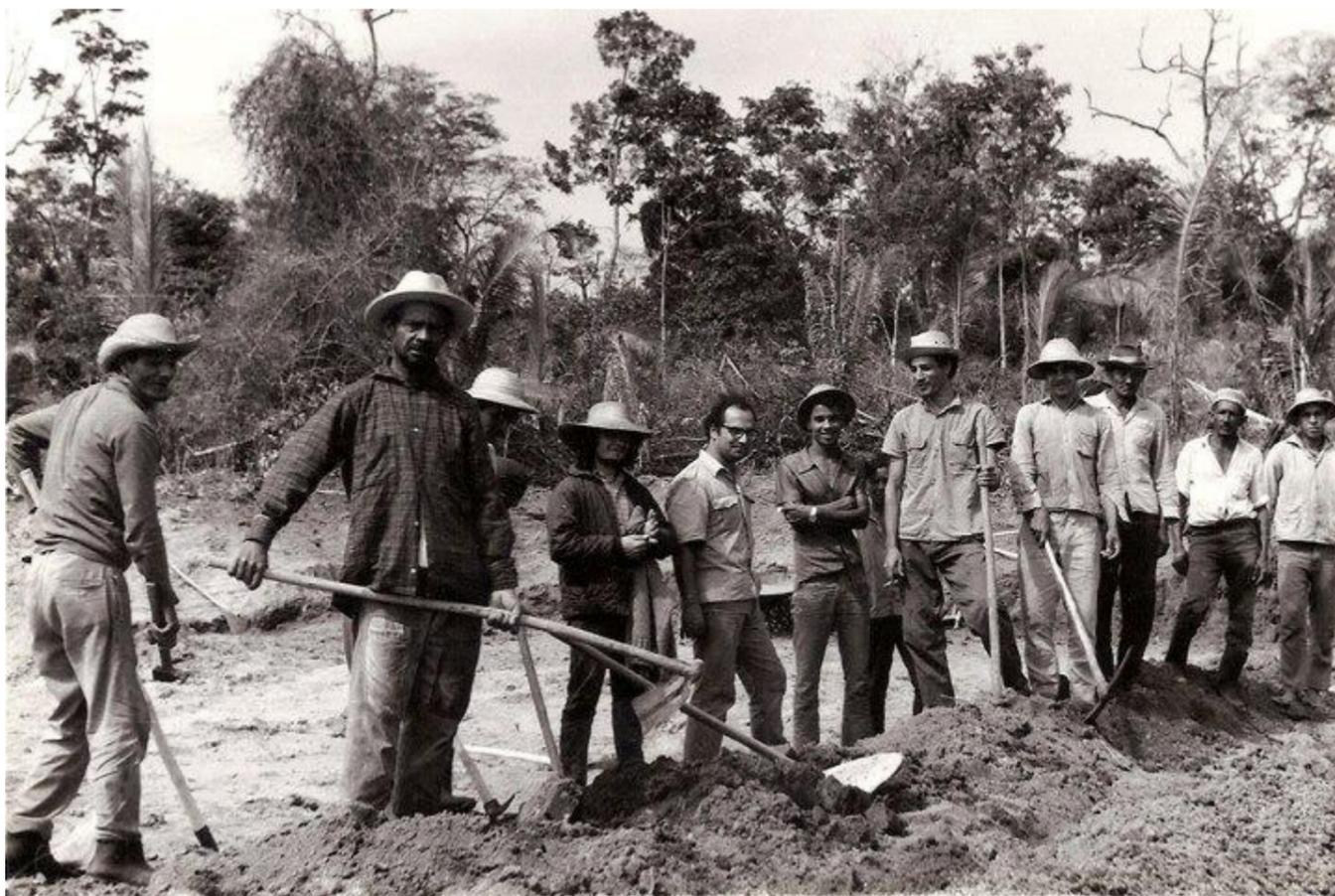
arquivo

Era o ano de 1983, época em que se acirraram conflitos de terra em Jauru (a 450 km de Cuiabá). Em disputa, 29,8 mil hectares, sendo 22,8 mil, em áreas devolutas, na fazenda Agropecuária Mirassol. Uma massa de famílias sem-terra, diante da urgente necessidade de sobreviver, resolveu invadir 7 mil ha. O número de posseiros cresceu, chegando a 1,1 mil pessoas, que fecharam a entrada da cidade.

Esta era a cena em Jauru no início dos anos 80. O governador do Estado à época, Julio Campos (DEM), enviou policiais militares para controlar os ânimos. Um ônibus cheio de PMs seguiu da Capital para o interior. O dono da fazenda também arrumou jagunços para defender o que julgava ser dele. A tensão aumentou.

O embate foi inevitável. Iniciou-se então um estado de guerrilha entre as partes e, no meio de tudo isso, bem na entrada da cidade, surgiu uma figura, se colocando como escudo dos sem-terra, de peito aberto. O padre Nazareno Lanciotti chegou de carro, vindo de uma celebração em área rural, desceu apressado, deixando a porta aberta e se ajoelhou no meio do tiroteio na intenção de impedir uma carnificina.

Arquivo Pessoal



Envolvimento com trabalhadores rurais sem-terra seria um dos motivos de irritação de forças políticas locais com padre Nazareno

O tiroteio começou e ele ficou ali, ajoelhado e rezando. Testemunhas relatam que um sem-terra o retirou do local e, na calçada de uma casa, o padre seguiu rezando, enquanto outras autoridades da cidade conseguiram, efetivamente, garantir o cessar fogo. O saldo do embate foi quatro posseiros mortos e dois policiais militares feridos.

Parte da população jauruense aterrorizada acolheu e deu amparo a posseiros despejados.

Mais de 18 anos depois, a ocupação se consolidou como uma comunidade rural, chamada Mirassolzinho, que contribuiu efetivamente na base econômica do município. Mesmo que o processo de legalização das terras tenha demorado a sair, só foi possível com o apoio de Nazareno.

Este conflito marca a biografia da liderança católica, que se tornou, em mais de duas décadas de atuação, um mito na cidade, maior ainda após sua morte, com um tiro na nuca, em 22 de fevereiro de 2001.

Rodinei Crescêncio



A ocupação de sem-terra, que gerou conflitos na década de 80, se consolidou, ao longo de 2 décadas, e hoje é a comunidade rural chamada Mirassolzinho



Lar de Idosos, uma das obras do padre, foi fundada na década de 70 e abriga 40 hóspedes

O mito

Padre Nazareno Lanciotti nasceu na Itália e chegou no Estado na década de 70. Foi pároco da Diocese de Cáceres e passou a trabalhar na evangelização na Operação de Mato Grosso. Em seguida foi enviado para Jauru, onde fundou o Asilo "Coração Imaculado de Maria", que abriga cerca de 40 idosos da região. Na gleba, que ajudou a estabelecer, atualmente moram mais de 60 famílias que vivem da agropecuária.

Com personalidade forte, Nazareno construiu 42 capelas na zona rural e duas na cidade. Mas foi com o Movimento Sacerdotal Mariano, o MSM, que se tornou um dos padres mais conhecidos da América Latina, considerado um moderado na instituição, com inclinações conservadoras.

O MSM se difundiu de maneira silenciosa. Em quase todas as nações da Europa, América, Ásia, África e Oceania, há responsáveis nacionais encarregados de recolher as adesões, organizar e acompanhar os cenáculos - ritual de reza de terço, de grande importância para católicos, de reverência à Nossa Senhora. Lanciotti era a referência em MT.

Nos cinco continentes, Cuiabá é a cidade com maior número de cenáculos do mundo. Desta maneira Nazareno conseguia levar milhares de pessoas da Capital até Jauru, para retiro, e assim fortalecia o MSM local.

As obras dele estão firmes, como a construção da Igreja Matriz envolta por um bosque que abriga animais. Entre os mais barulhentos, estão às araras. É de se impressionar com as construções desenvolvidas pelo missionário e o amigo pessoal de Nazareno, o sueco Vittório Fasani. A arquitetura e o paisagismo lembram a Roma antiga.

Ao fundo uma arena construída para encontros de jovem parece inspirada no Coliseu. Em cada canto da cidade em que ele pôde, Nazareno colocou uma imagem de Nossa Senhora.

Rodinei Crescêncio



Igreja Matriz, idealizada e construída pelo padre Lanciotti e o amigo Vittório Fasani é envolta por bosque, com animais, e lembra construções romanas

Dia do crime

No dia 11 de fevereiro de 2001, padre Nazareno celebrou a missa da noite na Matriz, com o evangelho de Lucas, 14, 25 a 33. Falou sobre renunciar a tudo para seguir Jesus, como qualidades de um verdadeiro discípulo.

“Ele disse e repetiu: pobre do homem que confia em outro homem. Este trecho é o que muitos ainda se lembram da última homilia”, memora Simone Coelho Filho, que estava com o padre no dia do atentado.

Ao fazer a homilia, mal sabia o padre que criminosos assistiam à missa e minutos depois, com um tiro na nuca, encerrariam a sua biografia.

Terminou a missa. Após a celebração, Nazareno convidou um grupo de oito pessoas - voluntários envolvidos com as questões da paróquia - para jantar na casa das irmãs, que fica exatamente ao fundo da igreja.

Antes de se assentarem à mesa, ficaram conversando em uma varanda, com árvores e plantas, entre elas flores do deserto e orquídeas. Para chegar lá é necessário passar um portão, no qual só cabe uma pessoa por vez. Não é de fácil acesso.

Depois do bate-papo, entraram mais para dentro da casa paroquial, passando por anexos e chegando à terceira sala, em um espaço que conta com um quarto e uma capela.

O grupo assentou-se à mesa na seguinte ordem. Na ponta, o padre Nazareno. Na esquerda, ao seu lado, Franca Pinni - uma religiosa francesa que veio para Mato Grosso ajudá-lo na obra cristã. Além dela, o casal Isaura de Brito e Giancarlo Della Chiesa, além do médico Antônio Ferdinando Aurélio de Magalhães, que estava chegando para atuar na cidade. Do outro lado da mesa, à direita, o braço direito Jorge Moreira, Alair Davi e Simone Coelho e ainda um outro médico, Laerte Petrônio de Figueiredo.



“Era por volta de 21h30, estávamos no fim do jantar, quando dois homens com capuz cor cinza escuro, camisa de manga longa e cor preta entraram. Um deles aparentava ter aproximadamente 1 m e 67 de altura, moreno escuro, vestia calça jeans nova, verde escuro, sapato kildare. Não conheço muito de arma, mas parecia que portava uma pistola cromada. Já o segundo (homem) media um pouco mais de 1 m e 70, magro, moreno claro, vestia uma calça de brim, verde-escuro, sapato de camurça preto, este empunhava um revólver, cor de cobre envelhecido”, detalha Jorge, amigo pessoal do padre.

Segundo relatos das vítimas que sobreviveram ao crime, os criminosos foram, a princípio, muito educados. Pediam a todo tempo para que ninguém ficasse nervoso, garantindo que não ia acontecer nada. Pediram também que fechassem as duas janelas que dão para a rua. O médico Laerte levantou e fechou as janelas. Um dos bandidos mandou que Jorge se levantasse e o revistou. Depois, mandou assentar. Na sequência, perguntou quem era o padre. Ele respondeu e um dos bandidos disse: “Reza bonito”. Comentou que assistiu à missa e depois reivindicou a chave do cofre.

O padre explicou que não existia cofre, mas eles insistiram. O padre, então, voltou atrás, confirmou a existência do compartimento, mas alegou que, anos atrás, um seminarista o abriu e fechou com a chave dentro e ninguém mais sabia a senha. Sendo assim, nunca mais foi aberto. Mas eles não acreditaram.

Enquanto um estava na porta, o outro ficou perguntando sobre o cofre. Foi então que Nazareno ofereceu um cheque de três mil reais, dinheiro este que ele tinha recebido da família que mora na Itália. Ofereceu também o carro (uma Hilux), mas não aceitaram.

“De repente o telefone celular do padre tocou, o indivíduo se posicionou atrás dele, apontando o revólver na cabeça da Franca e ameaçou: Não faça gracinha, senão acontece alguma coisa com ela. Na mesma hora, o padre disse que a linha tinha caído”, relembra Jorge.

Na sequência o bandido perguntou se algumas das pessoas que estavam jantando tinham seus quartos ali no prédio e Franca e Jorge responderam que sim. Eles então pegaram as chaves dos quartos e os revistaram, voltando novamente para a sala. “Como sabiam que um dos médicos, o doutor Laerte, morava próximo um dos bandidos pegou a chave do quarto dele, mas não conseguiu abri-lo. Ele voltou e, desta vez, o Laerte foi junto. Conseguiu roubar dele mil reais. O mais baixo, enquanto isso, ficou com a gente na sala”, detalha Jorge. Quando voltaram, o comparsa começou a exigir mais dinheiro e ambos ficavam repetindo que eram ladrões de banco. “Então oferecemos mais 240 reais de Franca e a chave do quarto do Giancarlo, onde tinha mais 800 reais dentro do guarda-roupa. Ele foi até lá, mas não trouxe nada. Ficava insistindo que não era bandido de pequenas quantias e de forma brusca jogou o dinheiro em cima da mesa. Queria a senha. O padre levantou e pediu misericórdia, pois não sabia a senha e não ia colocar a vida dos outros em risco e que, se fosse matar ou ferir alguém, que essa pessoa fosse ele”, relata Simone.

De acordo com as testemunhas, Lanciotti ofereceu o cofre inteiro para que fosse levado dentro de qualquer um dos carros e mais o cheque. Mas parecia que não era isso que eles queriam. Um deles voltou a gritar para que todos ficassem assentados e anunciou uma roleta russa.

“Me lembro como se fosse hoje, o padre Nazareno disse que era um sacerdote e que não mentiria, mas o bandido se aproximou do ouvido esquerdo dele e cochichou algo em voz baixa e nós vimos a face dele palidecer. Era medo, desespero, sabe? Aí ele levou as mãos ao rosto e baixou a cabeça”, conta Jorge, emocionado.

O bandido então se afastou e falou baixo com o comparsa e começou a tirar as balas do 38. "Ele gritou: todo mundo de cabeça baixa. E iniciou por mim. Eu nem sabia o que era essa tal de roleta russa naquela época. Senti o revólver gelado na minha nuca, e pensei, morri! Mas o só ouvi um tec (sic). Depois ele foi até a Alair, que estava do meu lado esquerdo, e ouvi o mesmo barulho, mas nada.. somente o tec", detalhou Simone.

O próximo seguindo a ordem seria o Jorge, mas eles interromperam a sequência. "Achei que eu quem iria, mas ele deu a volta ao contrário e foi atrás do padre. O seu Laerte levantou a cabeça e eu também, pois tudo ficou em silêncio. Ele colocou a cabeça do padre de lado e atirou. O padre caiu bem devagar no colo da Franca que estava do lado dele direito e o sangue jorrou nela e nas paredes. Eles fugiram deixando o restante do dinheiro em cima da mesa".

Os bandidos fugiram descendo o bosque que cerca a igreja, sem os carros, pela avenida Marília, que anos depois ganhou o nome do Padre Nazareno.

Diante do desespero, o pessoal pegou um lençol e o levaram para o hospital, uma quadra acima e o colocaram no chão.

O médico boliviano Oscar Hallens Adolfo, que ainda atua na unidade, chegou perto dele, viu que o tiro tinha atingido a quarta cervical e perguntou.

"Está sentindo dor? Ele me sussurrou: tô - impossibilitado de se mexer".

Diante da ocorrência, Jorge saiu correndo do hospital, se dirigiu até o sino da Igreja Matriz e começou a tocar os sinos para avisar à população. Em poucos minutos a frente do hospital ficou lotada com pessoas de pijamas, desesperadas, enquanto o sino badalava insistentemente.

'Viemos para te matar', revelou padre ao amigo, minutos antes de morrer

Forças ocultas da política local planejaram o martírio e encomendaram a morte do padre Nazareno Lanciotti, dia 11 de fevereiro de 2001 em Jauru (a 450 km de Cuiabá). É no que acredita o monsenhor, padre e fundador da Coopenoroeste Celso Duca, um dos melhores amigos do pároco assassinado com tiro na nuca. Para Duca, não restam dúvidas, foi um atentado.

"Encobriram para que ninguém soubesse quem foi que mandou (matar). Mas nós sabemos quem foi! Só não queremos nenhum processo. Deus se encarregou de resolver o problema, pois cada um vai receber o que deve, não acreditamos na Justiça dos homens".

Com 91 anos, ele falou com exclusividade ao  sobre a morte do companheiro de sacerdócio.

Duca mora em Araputanga (a 258 km da Capital). Recebeu a reportagem na casa paroquial e relatou como recebeu a notícia fúnebre.

"Eram dez horas da noite, quando me ligaram. Nazareno foi levado no avião de um dos donos do Hospital de Câncer de Barretos, Henrique Prata, até Cuiabá e de lá seguiu para São Paulo", detalha.

Para o avião levantar voo em Jauru, Henrique Prata teve que brigar com plantonistas do aeroporto Marechal Rondon que não estavam liberando a decolagem. Afirmou que pagaria multa, mas que seguiria mesmo assim.

Ao longo do voo para a Capital, o padre, que foi acompanhado pelo médico Laerte Petrônio de Figueiredo, sofreu três paradas cardíacas controladas.

Quando o avião posou em Várzea Grande, uma UTI móvel já estava a espera dele e do monsenhor Celso Duca.

O destino era o Hospital Sírio Libanês, um dos melhores do país.

"Ele estava lúcido. Entendia tudo e falava um pouquinho. (Em estado grave), se confessou e ofereceu sua vida para a Igreja e perdoou de coração a quem a retirou. O atentado foi feito em ódio ao trabalho religioso dele", lamenta Duca.

No voo, Nazareno fez uma revelação. Confidenciou ao amigo que, antes de atirar, o assassino disse: "Viemos aqui para te matar, porque você está atrapalhando o nosso trabalho".

Esta versão soma ainda mais um detalhe sinistro. O assassino também teria sido executado, para que não entregasse ninguém e nem o mandante.

Duca afirma que os reais mandantes e executores nunca foram presos.

Rodinei Crescêncio



Vereador João Leite chegou a ser considerado suspeito, porque estava na rua na hora do tiro

Primeiras apurações

Enquanto a população de Jauru sofria esperando notícias sobre o estado de saúde do Servo de Deus, as investigações foram iniciadas pela Polícia Civil. Um dos mais questionados pelos delegados do caso foi o vereador João Leite. Isso porque estava na rua no horário do crime, mas, conforme declarou, não conseguiu ver os bandidos fugirem.

“Eu ouvi o tiro e saí na rua, mas a minha esposa e filha me pediram para voltar para dentro de casa. Quando ouvi os sinos tocarem, elas não conseguiram me segurar e corri para o hospital. Me lembro do Dr. Laerte gritando: fecha a porta, se não vão voltar para terminar de matá-lo”, detalha.

O vereador conta que no dia seguinte a polícia começou as investigações. Os delegados queriam entender o porquê dele estar na rua. Mas nada conseguiram provar contra ele. “Na época minha esposa era ministra e acabou se afastando dos trabalhos por conta disso,” lamenta.

Ao longo das investigações nenhum assassino foi apresentado aos moradores e as especulações começaram.

Luto

A notícia da morte chegou 11 dias depois, na noite de 22 de fevereiro. A população entrou em luto. De maneira automática o braço direito de Nazareno, Jorge Moreira, começou a cuidar dos preparativos para o velório. “Ele sempre brigou comigo para que eu tivesse liderança e neste momento entendi o motivo. Foi muito difícil”, conta.



Preso na PCE, Antônio nega autoria do crime

O condenado

O comerciante Antônio Martins da Silva, 45 anos, foi condenado a 23 anos de cadeia por tentativa de latrocínio seguido de morte.

Recebeu a sentença dia 15 setembro de 2006, ou seja, mais de cinco anos depois do crime. No entanto, isso é uma novidade para a população jauruense.

A reportagem apurou que, aparentemente, ninguém sabe sobre este condenado, inclusive as demais vítimas do suposto assalto ou atentado, Jorge Moreira, Simone Coelho Filho, Alair Davi e Franca Pini.

O comerciante se diz inocente e afirma veementemente que não estava em Mato Grosso no período do crime.

Mas quem é Antônio Martins da Silva? E por que invadiu um jantar em uma igreja e atirou em um padre durante uma roleta russa?

Segundo o inquérito da Polícia Civil, ele integrava uma quadrilha que organizava assaltos em igrejas pelo Brasil.

Entretanto o único assalto confirmado ocorreu em Barra do Garças em 19 de setembro de 2004.

Ao ser preso, Antonio era morador do bairro Jardim Imperial em Várzea Grande. Atualmente está preso na Penitenciária Central do Estado (PCE). É soropositivo.



Ficha de Antônio no sistema penitenciário inclui nome, endereço, profissão e destaque para 2 tatuagens no braço, sendo uma em nome de "Leodete"

A reportagem do esteve em Jauru para conhecer bem de perto as testemunhas e vítimas deste crime marcante. Todas desconhecem e não foram chamadas a fazerem reconhecimento do condenado.

No processo, Antônio destacou que somente uma vez foi questionado sobre o crime e afirmou inocência.

Entretanto a arma do crime foi encontrada com o cunhado dele, Claudio Cavalcanti Freire.

Segundo o relatório da Polícia Civil, Claudio e o sobrinho dele, Francinaldo Martins da Silva, teriam vendido a arma para um amigo, que não teve o nome divulgado.

Na transação, acabou sendo apreendida por uma autoridade policial.

Depoimentos de comparsas dele, como consta no processo, comprovaram que ele praticava crimes dessa categoria em casas paroquiais.

Mas somente neste crime ele teria participado da morte de um padre.

O segundo suspeito do crime em Jauru, no entanto, nunca foi localizado e nem sequer é mencionado ao longo do processo que tem cinco volumes.

O depoimento que liga Antônio à morte de Lanciotti é de Anselmo Brant. Ele procurou, voluntariamente, a polícia para contar que um dia após a morte do padre, no dia 23 de fevereiro, uma mulher, cujo o nome não consta no inquérito, o procurou relatando preocupação. Ela havia trabalhado em uma residência onde moravam quatro homens que teriam assaltado casas paroquiais e ela temia que fossem os mesmos que atingiram o padre Nazareno.

O **RD NEWS** analisou o processo que condenou Antônio e em seu depoimento ele ressalta que foi ouvido somente uma vez sobre o caso e nega qualquer participação. Destaca que estava viajando no período do atentado. Até hoje, nunca ficou claro quem foi que atirou no padre e nem quem era o comparsa da "frustrada tentativa de latrocínio".

Anselmo Brant e Antônio nunca foram colocados frente a frente. Isso também nunca ocorreu com as oitros pessoas que estavam jantando com o padre no dia 11 daquele ano.

O prefeito

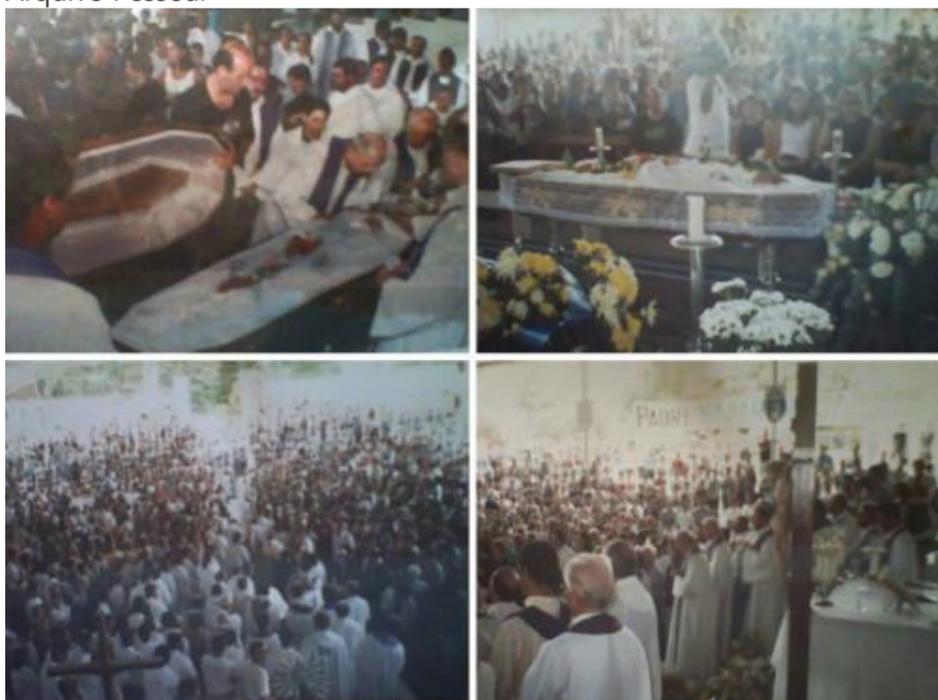
O prefeito de Jauru, Pedro Ferreira, não acredita que o crime tenha sido político. Ele relembra como recebeu a notícia do atentado. "Sei que eles estavam jantando e o cara começou a fazer roleta russa na cabeça de todo mundo. Eu não sei se ele tinha intenção de matar ou se perdeu a conta da bala. O pessoal diz que o cara veio para assassinar. Mas eu acredito que quando vem para matar não faz um tiro só", opina. A população de Jauru pensa de maneira diferente.

Premunição

A ministra Maura Ferraz contou à reportagem que, uma semana antes do crime, o padre confidenciou que algo estava para acontecer.

"Estávamos visitando doentes que moram um pouco a frente da minha casa e, quando estava próximo da minha casa, ele parou e me perguntou o que eu achava do novo milênio. Eu falei: ah padre, acho que está normal. Não consegui ver nada de diferente ainda não. Aí ele me disse: respondeu certo, está tudo igual. Mas daqui a uns dias vocês terão um sofrimento tão grande que vai ser muito difícil para vocês".

Arquivo Pessoal



Velório do padre Nazareno Lanciotti atrai milhares de católicos e moradores da cidade

Neste momento, ela se lembra que, quando olhou para o padre Nazareno, ele estava tão vermelho que parecia até transformado, não parecia a pessoa que ele era. Perguntei o que estava acontecendo, o que de tão grave ia acontecer? Comecei a fazer perguntas. Ele baixou a cabeça no volante, ficou nessa posição por alguns minutos, levantou, fez um sinal de cruz na minha testa e pediu para eu não contar nada para ninguém. Nem para o marido, espere o momento certo", pediu.

O corpo

Após o recebimento da notícia da morte, um avião foi fretado em São Paulo, o corpo desceu em Cuiabá. Teve uma missa de corpo presente na Catedral realizada por Dom Bonifácio, então arcebispo. Em seguida ele seguiu para Cáceres onde uma segunda missa foi celebrada, mas dessa vez pelo Bispo Dom José Vieira, na sequência ele foi levado para Jauru onde o padre foi velado na quadra da Paróquia Nossa Senhora do Pilar.

O clima foi de consternação. Pelo menos 12 mil habitantes participaram do velório. Todo o comércio estava fechado e o prefeito na época, Divino Marciano, decretou luto oficial de três dias. No calor do fato, várias hipóteses foram levantadas. Mas a população acredita em crime político até hoje e não em assalto. No entanto, ninguém cita nomes e evita especulações, por medo.

Com 8 milagres, Vaticano estuda o caso para canonizar religioso - veja um relato

Considerado o primeiro mártir do Movimento Sacerdotal Mariano, padre Nazareno Lanciotti, pode virar santo, o primeiro indicado por Mato Grosso. No Vaticano, o processo de beatificação dele está na primeira fase, após já ter sido considerado Servo de Deus. Pelo menos oito milagres já foram anexados à ação. O vice postulador, espécie de advogado, que tem a tarefa de investigar detalhadamente a vida do candidato para conhecer sua fama de santidade, monsenhor padre Celso Duca, recebeu o  na casa paroquial em Araputanga, onde mora, e explicou em que pé está toda a situação.



Maura Ferraz acredita ter sido beneficiada com 1 dos milagres do padre Nazareno Lanciotti

“Quando a causa é iniciada, o candidato recebe o título de Servo de Deus, que é o caso do padre Nazareno. A primeira fase do processo é o das virtudes ou martírio. Este é o passo mais demorado, porque o postulador deve investigar minuciosamente a vida do Servo de Deus. Em se tratando de um mártir, devem ser estudadas as circunstâncias que envolveram sua morte para comprovar se houve realmente o martírio”.

O monsenhor destaca que foi o bispo de Cáceres (a 223km de Cuiabá), Dom José, que o designou a documentar o Martírio de padre Nazareno. Duca preparou todo o processo diocesano e o introduziu em Roma.

“Eu trabalhei e juntei todos os documentos necessários. Foi encaminhado para Roma, analisado e aprovado. Foi assim que ele se tornou Servo de Deus”, explica o trâmite.

Agora, quem toca as investigações é o postulador Enzo Gabriele, que já veio de Roma por duas vezes. A última foi ano passado, quando estive em Jauru para conversar e tomar depoimentos das pessoas que afirmam ter recebido um milagre por intercessão de Nazareno.

O **RD NEWS** encontrou um dos milagres anexados ao processo de beatificação do Servo de Deus. A ministra Maura Ferraz narrou com exclusividade como foi objeto de graça . Veja o relato. (Após o vídeo) Atualmente o filho dela, Gabriel cursa medicina, 6º semestre, na Bolívia.

Entenda o processo

Antes somente o papa podia promover uma causa de canonização, mas hoje em dia os bispos têm autoridade para isso. Portanto qualquer diocese do mundo pode iniciar uma causa de canonização.

No caso do padre Nazareno, ele já foi considerado Servo de Deus, título dado ao investigado quando o processo é instaurado e primeira fase das apurações está terminando. Depois disso, virá a segunda parte, que é o milagre da beatificação.

Para se tornar beato é necessário comprovar um milagre ocorrido por sua intercessão. No caso dos mártires, não é necessária a comprovação de milagre. Isso, porque significa que ele viveu as virtudes cristãs de forma heróica, ou então, se é o caso de um mártir, ele recebeu um martírio verdadeiro.

O Catecismo da Igreja Católica, em seu número 828, diz que: “Ao canonizar certos fiéis, isto é, ao proclamar solenemente que esses fiéis praticaram heróicamente as virtudes e viveram na fidelidade à graça de Deus, a Igreja reconhece o poder do Espírito de santidade que está em si e sustenta a esperança dos fiéis, propondo-os como modelos e intercessores.”

Obras

Quem vai a Jauru pode conhecer o túmulo de Nazareno, que está ao lado direito do altar da Igreja Matriz da cidade. Em cima do jazigo, há várias fotos de pessoas enfermas pedindo por uma graça de cura ou libertação. Ao longo do ano, milhares de pessoas passam pelo túmulo e pelo quarto do martírio. “Ele é preservado exatamente igual, desde o dia do atentado”, detalha Franca Pinni, que mantém intacta a sala onde jantavam quando ocorreu o latrocínio ou atentado.



Padre Haroldo Quintiliando vê crianças reproduzindo a fé em Nazereno

Para o vice postualdor Celso Duca, Nazareno foi um homem santo, de postura firme, sempre devoto de Nossa Senhora e que dedicou a vida às obras, às crianças e aos jovens e à família.

“Padre Nazareno morreu como um mártir, um arauto, morreu pelos seus jovens, sua paróquia, suas ovelhas. Até mesmo na hora de morrer disse ao criminoso: Se tem que fazer o mau a alguém que faça a mim. Ele ofereceu a vida, derramou seu sangue”, acrescenta.

O atual pároco da cidade Haroldo Renoult Quintiliano conta que não chegou a conhecer pessoalmente o Padre Nazareno, pois chegou em Mato Grosso três anos após a morte dele. Vindo de Minas Gerais, destaca a importância da memória de Nazareno que passa de pai para filho em Jauru. Explica o quanto é interessante ver as crianças com 10 anos rezando a consagração (oração destinada ao padre Nazareno) com muita veneração e carinho pelo padre.

“Então é uma coisa que não vai morrer (com a morte do corpo) e cada dia mais vai crescendo (em força espiritual). Tive uma reunião aqui com os jovens, e você vê o amor, carinho que eles têm que é imenso. Ele era aquele que conseguia reunir entorno de si 600 jovens durante a semana aqui. Então todo esse complexo que ele construiu há 40 anos foi em prol da juventude e das famílias. Isso sempre foi o ponto primordial da vida do padre Nazareno”.